

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

RODOLPHO MERONI BRETANHA

ESPAÇO/TEMPO/ESPAÇO-TEMPO: ENTRE LITERATURA E ARQUITETURA

Jaguarão/RS

2024

RODOLPHO MERONI BRETANHA

ESPAÇO/TEMPO/ESPAÇO-TEMPO: ENTRE LITERATURA E ARQUITETURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/Espanhol e suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras Português/Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Martins Costa Mendes

Jaguarão/RS

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B844e BRETANHA, RODOLPHO MERONI BRETANHA
ESPAÇO/TEMPO/ESPAÇO-TEMPO: ENTRE LITERATURA E ARQUITETURA /
RODOLPHO MERONI BRETANHA BRETANHA.
35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPAANHOL E RESPECTIVAS
LITERATURAS, 2024.

"Orientação: Sandro Martins Costa Mendes".

1. espaço. 2. tempo. 3. espaço-tempo. 4. arquitetura. 5.
literatura. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

RODOLPHO MERONI BRETANHA

ESPAÇO/ TEMPO/ ESPAÇO-TEMPO: ENTRE LITERATURA E ARQUITETURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10/12/2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Sandro Martins Costa Mendes
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon
UNIPAMPA

CA-JAG - Folha de Aprovação 1624670 SEI 23100.022447/2024-92 / pg. 1

Profª. Drª. Marcela Wanglon Richter
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **CARLOS GARCIA RIZZON, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2024, às 06:48, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SANDRO MARTINS COSTA MENDES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2024, às 20:43, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2024, às 10:58, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://scj.unipampa.edu.br/scj/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1624670** e o código CRC **69132782**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

Dedico este trabalho a minha família,
alicerce de toda a vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos que de uma forma ou outra apoiaram e colaboraram com a educação, seja ela do curso ou de vida.

Agradeço aos professores da universidade pelos seus ensinamentos e pelas conversas extras, estas que também continham conhecimentos.

Agradeço aos colegas pelas conversas, discussões e apoios nos momentos de provas, sejam elas acadêmicas ou relacionais.

Agradeço aos amigos que conheci nessa instituição, que não citarei, por medo de esquecer alguém.

Agradeço a família e ao trabalho, principalmente por aguentarem mais essa loucura.

Agradeço a minha mãe, amiga, colega e indispensável da minha vida.

A todos, o mais sincero, amoroso e grato: OBRIGADO!

*“Eu sei
O tempo é o meu lugar
O tempo é minha casa
A casa é onde quero estar
Eu sei”*

Vitor Ramil

RESUMO

O presente trabalho busca trazer uma abordagem interdisciplinar entre literatura e arquitetura, explorando as dimensões de tempo e espaço. A proposta se fundamenta em um diálogo entre as teorias de tempo na literatura e espaço na arquitetura. Utilizando-se de conceitos como cronotopo, exotopia, tempo cíclico e espaço existencial. O estudo ocorre por meio da análise exploratória dos contos de Jorge Luis Borges (*As Ruínas Circulares* e *O Jardim de Veredas que se Bifurcam*) e Julio Cortázar (*Casa Tomada* e *Graffiti*). A interdisciplinaridade entre literatura e arquitetura é fortalecida por reflexões teóricas que vinculam os espaços físicos e simbólicos às experiências humanas. Desta forma o estudo proposto permite que se entenda o espaço e o tempo mais que elementos estruturantes, mas sim símbolos para discutir temas como criação, isolamento, resistência.

Palavras-Chave: Espaço, tempo, espaço-tempo, arquitetura, literatura.

RESUMEN

El presente trabajo busca abordar una perspectiva interdisciplinaria entre la literatura y la arquitectura, explorando las dimensiones del tiempo y el espacio. La propuesta se fundamenta en un diálogo entre las teorías del tiempo en la literatura y del espacio en la arquitectura, utilizando conceptos como cronotopo, exotopía, tiempo cíclico y espacio existencial. El estudio se desarrolla a través del análisis exploratorio de los cuentos de Jorge Luis Borges (*Las ruinas circulares* y *El jardín de senderos que se bifurcan*) y Julio Cortázar (*Casa tomada* y *Graffiti*). La interdisciplinaria entre literatura y arquitectura se refuerza mediante reflexiones teóricas que vinculan los espacios físicos y simbólicos con las experiencias humanas. De este modo, el estudio propuesto permite entender el espacio y el tiempo no solo como elementos estructurales, sino también como símbolos para discutir temas como la creación, el aislamiento y la resistencia.

Palabras clave: Espacio, tiempo, espacio-tiempo, arquitectura, literatura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	LEVANTAMENTO	14
2.1	Tempo	14
2.2	Espaço	17
3	ANTE PROJETO	21
4	PROJETO EXECUTIVO	32
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como princípio a conclusão de um ciclo, nesse caso uma graduação em letras, porém todo ciclo tem um início. Não posso deixar de recordar o motivo de escolha do presente curso: uma busca pelo entendimento das necessidades de ensino de clássicos literários para adolescentes. Ao mesmo tempo, a vida e seus complementos criam ciclos paralelos, nesse caso uma formação anterior em Arquitetura e Urbanismo. Com os ciclos se misturando, enrolando e criando as correntes atuais me levam a uma efervescência de curiosidade e busca de conhecimentos, que se criam e transformam no presente trabalho.

Importante citar o motivo de fazer uma segunda graduação, principalmente uma licenciatura em letras, sendo que já estava em atuação na área de arquitetura. Existem diversos aspectos para essa escolha, a primeira: ambas trabalham com as artes, o que traz em si uma aproximação. Outro motivo, foi meu gosto pela leitura, e meu desgosto pela obrigatoriedade dos clássicos no ensino regulamentar, principalmente *Iracema* de José de Alencar. Queria conhecer os motivos dessa obrigatoriedade, que entendo que afasta os jovens da leitura, pois a torna “chata”. Abro um parêntese, para dizer que sim, me foi esclarecido.

Continuando os motivos, foi a facilidade de ter uma universidade pública com o curso, presencial, na cidade. Outro fator que influenciou, foi a necessidade de retornar aos estudos, de se misturar com ideias e referenciais diferentes, novos. Necessidade decorrida da rotina de ir trabalhar e retornar para casa, num ciclo, dificultando a criação e experimentação de novas ideias. O que uma faculdade permitiria fazer. Sempre foi a intenção misturar os campos de atuação: arquitetura e letras. Pois acredito que essa fusão permite o surgimento de novas ideias, fator necessário para a atuação na arquitetura.

Durante o curso de letras a linha de estudos da literatura sempre se destacou como uma das que mais me possibilitou a quebra de paradigmas e a troca de experiências entre letras e arquitetura. Um dos principais pontos disso foi em disciplina ministrada pelo professor Carlos Rizzon, onde foi trabalhado o livro *Como água para chocolate* de autoria de Laura Esquivel. Esse trabalho foi o primeiro em que de fato inclui teóricos da arquitetura na análise literária. Ressalto que essas referências serão novamente utilizadas

neste trabalho, pois estudam o espaço.

Destaco algo que notei sobre as disciplinas de literatura, a importância dada para a análise do personagem e do narrador, mas o pouco que se falava sobre o espaço. Não que ele não fosse citado, e estudado, mas sim como ficava relegado a algo como subcategoria de análise. Sendo arquiteto e urbanista, trabalho todos os dias discutindo e analisando espaço, e percebia que essa análise muitas vezes traria novos pontos aos textos, mas as teorias que conhecia eram diferentes das ensinadas. O que somente fui trabalhar em conjunto no texto da disciplina do professor Rizzon, conforme citado anteriormente.

A literatura apresenta-se como uma forma de expressão em palavras, mas que contém em si uma história e as vezes representações da história humana, seja explícita ou nas entrelinhas. A arquitetura é um espaço de vivência, as vezes efêmeras da vida humana, outras longas e abrangentes, fixa e representante de sua época. Ambas as artes são expressões de ideias, saberes e conhecimentos de sua área, povo e história. Porém suas similitudes acabam se desenvolvendo em caminhos diferentes, ou seja, caminhos principais diferentes.

Entendo que as teorias literárias trabalham com excelência o aspecto tempo, seja da narrativa, da época ou da cronologia. A narrativa sendo uma forma de representar o tempo, criando um vínculo enquanto dimensão externa ao texto. O tempo da época se refere ao momento de criação do texto, ao tempo próprio do autor. E a ideia de tempo cronológico se refere a forma como é representado o passar do tempo no texto, quais os termos utilizados para isso.

A arquitetura é a arte do espaço, do lugar e do estar/viver no lugar, desta forma sua teoria é abrangente no aspecto espaço, mas na cultura ocidental o tempo fica relevado a um aspecto cronológico e histórico. Importante destacar que no oriente, o espaço não se opõe ao tempo, pois sua estrutura muda com o passar das estações, sendo um relacionamento entre espaço-tempo. Desta forma busco mixar as teorias conhecidas por mim, e criar um entendimento do que é tempo, espaço e por que não, tempo-espaço. Para isso trabalharei alguns textos teóricos de cada área, nem sempre o mais clássico, mas sim ao qual tive acesso nos meus ciclos de estudo e pesquisa.

Considero que a teoria por si não é aprendizagem, para isso devemos ter uma aplicação prática. Nesse sentido, trabalho com a teoria a partir de contos de autores

latino-americanos, isto posto utilizo Borges e Cortázar. Serão trabalhados dois contos de cada autor, buscando refletir os aspectos do tempo e do espaço. Os contos escolhidos de Cortázar são *A Casa Tomada* (1951) e *Graffiti* (1980), o primeiro com o espaço interno e seus reflexos nos personagens, o segundo com o espaço externo como meio de protesto e comunicação. Borges nos apresenta diferentes perspectivas de tempo nos contos analisados *As Ruínas Circulares* (1941) e seu tempo cíclico, como em *O Jardim de veredas que se bifurcam* (1941) e sua temporalidade pluridimensional. Ambos os autores se complementam nas perspectivas de análise do tempo e espaço, podendo entrelaçar os conceitos para criar textos complexos.

Para a estruturação do presente trabalho foi pensado a utilização de nomenclatura já utilizada há anos pela experiência e atuação na arquitetura. Desta forma os capítulos estão separados e nomeados nas fases de desenvolvimento de um projeto arquitetônico. Sendo estes: Levantamento, momento em que os dados são coletados, como documentos, medidas e desejos a serem atendidos, aqui utilizado como o aspecto de pesquisa e revisão bibliográfica; Ante projeto, é o momento de unificar a realidade com os desejos, são as primeiras ideias, e resultam nas primeiras amostras aos clientes, o qual resultará em um a ser desenvolvido, no presente trabalho atuará em como executar a unificação entre os estudos levantados, e o desenvolvimento, trabalhar com as teorias e os contos; Projeto executivo, é a finalização do projeto, deixando pronto para a sua execução, no trabalho são as considerações finais.

2 LEVANTAMENTO

O presente momento do texto busca levantar e estudar algumas teorias presentes nos aspectos a serem estudados, a saber o Tempo e o Espaço. Para isso busco referenciais teóricos de cada uma das áreas nos campos da literatura e da arquitetura. Percebo que o tempo será fortemente marcado com as teorias presentes no campo da literatura, pois existe ampla bibliografia sobre esse aspecto. Porém o aspecto espaço será fortemente discutido na bibliografia apresentada pela arquitetura, visto que esse é sua área principal de trabalho.

2.1 Tempo

Para estudar o tempo necessitamos considerar o modo como essa dimensão influi na narrativa, moldando desta forma a experiência estética. Para o autor Benedito Nunes (2008) o tempo é um elemento inseparável da narrativa, tanto quanto é a própria vida: “O tempo é o elemento da narrativa, assim como é o elemento da vida; inseparavelmente ligado a ela, como aos corpos no espaço” (NUNES, 2008, p.2). Desta afirmação temos a articulação entre a narrativa e a presença do tempo na sua estrutura, organizando os acontecimentos em uma sequência que espelha a vida, mas também a reconfigura artisticamente.

Compartilhando da ideia de tempo como articulação os autores Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira (2001) trazem o questionamento da existência do tempo como fator isolado ou como consequência de comparação entre diferentes referências: “O tempo existe por si mesmo (é a sua passagem que o constitui) ou o tempo só existe através de outras referências (só existe à medida que ocorre algum evento)?” (SANTOS, OLIVEIRA, 2001, p. 46). Esse questionamento se apresenta como um convite a uma ampla reflexão de quais as referências que moldam a temporalidade nas artes, e quais as descrições são necessárias para a percepção do tempo ou para este adquirir forma.

Na busca para compreender o tempo narrativo, Nunes (2008) nos apresenta com algumas categorias: a sucessão e a dimensão episódica representam ordem de eventos; totalidade temporal e sequência de enunciados, indicam a ordem do discurso (NUNES,

2008, p.14). Em conjunto com essas categorias, o autor desenvolve a compreensão de que nossa percepção do tempo envolve “medida, datação e repetição – tais são os dados preliminares da compreensão comum, social e prática do tempo, que antecede e condiciona o esforço de abstração teórica necessário para conceituá-lo” (NUNES, 2008, p.17). Para o autor esses dados formam intervalos, ao medir os movimentos cria-se uma imagem cíclica. Essas imagens ao serem individualizadas, ou datadas, servem de base à linearidade. Estruturando uma sequência linear permite que se sustente o entendimento comum e prático do tempo, um conceito que precede e molda qualquer tentativa de abstração teórica sobre a temporalidade.

Para poder aprofundar a análise sobre o tempo, Nunes utiliza-se da classificação feita por Émile Benveniste, separando o tempo cronológico de outros tipos de temporalidade, como o tempo físico e o psicológico. Para Benveniste o tempo cronológico é o dos acontecimentos, o da nossa própria vida, estando relacionado ao sistema dos calendários, e sendo desta forma objetivo. O tempo psicológico é mais subjetivo, estando em uma escala humana e ligado a qualidade. Além desses tempos, Nunes apresenta o tempo litúrgico, dos ritos religiosos, ao qual seria linear em sua direção, mas “pontual quanto à significação dos acontecimentos” (NUNES, 2008, p.20); e o tempo histórico, “representa a duração das formas históricas de vida, podemos dividi-lo em intervalos curtos ou longos, ritmados por fatos diversos” (NUNES, 2008, p.21).

Alinhamos cinco conceitos diferentes – tempo físico, tempo psicológico, tempo cronológico, tempo histórico e tempo linguístico – que diversificam uma mesma categoria, combinada à quantidade (tempo físico ou cósmico), à qualidade (tempo psicológico) ou a ambas (tempo cronológico), esse último aproximando-se do primeiro pela objetividade e opondo-se à subjetividade do segundo, cuja escala humana difere da do tempo histórico e da do tempo linguístico, ambos de teor cultural (NUNES, 2008, p. 23).

Conforme podemos ver pela interpretação de Nunes, os conceitos de tempo trabalham em diferentes campos, e se destacam entre si. Desta forma na narrativa, sendo um mundo imaginário, todas essas modalidades temporais citadas se revelam em função da linguagem: “o tempo da obra – e a mesma condição terá o espaço – é um dos correlatos do discurso” (NUNES, 2008, p. 25). Desta forma, tempo, e o espaço, integram o discurso, dependente da experiência do leitor e da estrutura interna da narrativa. Na sequência Nunes cita Tzvetan Todorov para esclarecer essa relação: enquanto “o tempo do discurso é, num certo sentido, um tempo linear, o tempo da história é pluridimensional”

isso ocorre, pois, a história possui eventos diversos, que podem ocorrer simultaneamente, mas no discurso, são apresentados em sequência linear (TODOROV, 1972 *apud* NUNES, 2008, p.27).

As diversas reflexões de Nunes nos encaminham para o entendimento do tempo na narrativa além do simples marcador sequencial: o tempo como uma ferramenta fundamental de orientação da construção e interpretação dos eventos, conferindo profundidade e dimensão à experiência literária e, de maneira mais ampla, à experiência humana.

Encontrando-se com as reflexões de Nunes (2008), os autores Santos e Oliveira (2001) apresentam uma divisão das artes em temporais e espaciais: sendo música e literatura exemplos de “artes temporais” e a pintura, escultura e arquitetura exemplos de “arte espaciais” (SANTOS, OLIVEIRA, 2001, p.47). Dessa forma as artes temporais teriam características dinâmicas e as espaciais estariam caracterizadas por serem estáticas. Essa divisão afetaria a abordagem de tempo e espaço, e sua percepção.

A autora Marília Amorim (2018) apresenta um estudo sobre os conceitos de Mikhail Bakhtin: Cronotopo e exotopia. Esses conceitos se ligam com a divisão de Santos e Oliveira, conforme estudaremos a seguir. O estudo do tempo e do espaço na literatura e na criação cultural se desenvolveriam por meio dos dois conceitos de Bakhtin, no qual em seu pensamento não seriam intercambiáveis, abordando diferentes dimensões do espaço-tempo, e com aplicações específicas.

O primeiro conceito a ser formulado teria sido a exotopia, no período entre 1919 e 1923. Esse conceito pode designar uma posição no tempo, porém essa ênfase está relacionada à ideia de acabamento, de uma totalidade, implicando um trabalho de fixação e enquadramento, como em uma fotografia (AMORIM, 2018, p.100). Para Bakhtin:

No âmbito da cultura, a exotopia é o motor mais potente da compreensão. Uma cultura estrangeira não se revela em sua completude e em sua profundidade que através (sic) do olhar de uma outra cultura. (...) Face a uma cultura estrangeira, colocamos perguntas novas que ela mesma não se colocava. Procuramos nelas uma resposta a essas questões que são as nossas, e a cultura estrangeira nos responde, nos desvelando seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido (AMORIM, 2018, p. 100).

Podemos entender a exotopia como um conceito que relaciona a visão de outro sobre um determinado momento ou persona, sendo essa visão um embate e interpretação do que estão vivenciando. Desta forma sendo um olhar externo, em dado

momento, o que permite percepções que não seriam vistas do contrário. Em outras palavras a exotopia, é “uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha onde vive, e daquele que, estando fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro” (AMORIM, 2018, p.101).

A formulação do conceito de cronotopo, formulado pelo russo entre 1937 e 1938, expressa “a indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo” configurando uma “categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto” (AMORIM, 2018, p.102). O conceito trabalhado evidencia a percepção do tempo interligado ao espaço, e que ambos os elementos, quando relacionados, permitem a construção de uma experiência narrativa completa, onde “os índices do tempo descobrem-se no espaço, e este é percebido e medido de acordo com o tempo”. Desta forma, o cronotopo passa a ser uma representação, na literatura, da “matriz espaço-temporal” organizando a trama e oferecendo um olhar específico sobre relações entre personagens, atos e tempo da narrativa outra forma de colocar “no encontro, a definição temporal (naquele momento) é inseparável da definição espacial (naquele lugar)” (AMORIM, 2018, p. 102).

A dinâmica entre cronotopo e exotopia revela as tensões que se movem entre eles. Cronotopos tem o tempo como elemento primeiro, trazendo na temporalidade uma concepção de homem, e a cada temporalidade um novo homem. Isso ocorre pois o tempo “é a dimensão do movimento, da transformação” (AMORIM, 2018, p. 103). Desta forma o cronotopo permite construir uma visão de “homem e tempo” no interior da narrativa, a exotopia atua como uma força de compreensão cultural e histórica. O embate desses conceitos permite expandir a capacidade de interpretação das narrativas e a construções de significados, ao colocarem ênfases no tempo e no espaço.

2.2 Espaço

Após um estudo inicial sobre o tempo, analisado sobre uma ótica da literatura, estudaremos um pouco sobre o espaço. Para isso utilizaremos autores que estudam o espaço pela ótica da arquitetura e do urbanismo. Os autores Alberto Saldarriaga Roa e Francis D. K. Ching são arquitetos, docentes e escritores de livros da área de arquitetura e urbanismo. Destaco que o segundo é autor de livros utilizados nas universidades como

textos básicos. O último teórico utilizado é o sociólogo Zygmunt Bauman, em seu livro *Confiança e Medo na Cidade (2021)* aborda o espaço e as mudanças ocorridas em âmbito urbano, sendo uma reflexão atual sobre as alterações culturais e seus reflexos no espaço urbano.

Para o arquiteto Alberto Saldarriaga Roa (2002) o habitar é uma experiência fundamental, “não é uma ação específica, mas sim um fenômeno existencial complexo que se leva a cabo em um cenário espaço-temporal.” (ROA, 2002, p. 30) Habitar é viver, morar, residir em um lugar, ou seja, uma relação essencial e contínua com o ambiente. Roa propõe cinco conceitos diferentes de espaço: pragmático, ligado às ações físicas; perceptivo, que orienta de forma imediata; existencial, onde o ser humano forma uma imagem estável do ambiente ao redor; cognitivo, que lida com o entendimento do mundo físico; e o espaço abstrato, fundamentado em relações lógicas e conceituais (ROA, 2002, p.46).

Desde seu surgimento, o ser humano não apenas interagiu com o espaço, mas também o reconheceu e refletiu sobre ele, criando uma expressão simbólica e concreta de seu mundo. Esse tipo de espaço, que Roa denomina “espaço expressivo ou artístico”, manifesta a forma de um universo interior, seja criado por valores e significados culturais (ROA, 2002, p. 48). Isso ocorre pois ao longo da vida o espaço é relacionado a diferentes experiências, podendo ser simples com sentir-se bem ou o lugar onde se vive um momento especial. Segundo Roa “é nesses momentos que se produz uma completa troca e comércio entre o ser e o seu entorno” (ROA, 2002, p. 68).

O espaço não apenas abriga e protege, mas também carrega simbolismos e significados culturais. Ele recorda emoções, cria afeto e temores, reflete os sentimentos humanos, funcionando como um cenário onde se manifestam os medos, as alegrias e as aspirações das pessoas (ROA, 2002, p. 126). Desta forma podemos dizer que as experiências vividas deixam marcas na memória, que desempenha um papel extremo no reconhecimento e na familiaridade com o espaço. É essa familiaridade, surgida da soma de experiências, que permite o ser humano se sentir confortável e reconhecer, ou produzir, em novos ambientes conexões emocionais (ROA, 2002, p. 131-132). Em outras palavras, o autor acrescenta que o gosto ou desgosto de um lugar é algo oriundo dos sentidos e das experiências vividas.

Conforme podemos ver a seguir o pensamento do arquiteto, professor e escritor

Francis D. K. Ching sobre o espaço é complementar ao do autor Roa:

O espaço engloba constantemente nosso ser. Através do volume do espaço nos movemos, percebemos formas, ouvimos sons, sentimos brisas, cheiramos as fragrâncias de um jardim em flor. É uma substância material como a madeira ou a pedra. Ainda assim, constitui uma emanção inerentemente informe. Sua forma visual, suas dimensões e escala, a qualidade de sua luz – todas essas qualidades dependem de nossa percepção dos limites espaciais definidos pelos elementos da forma. À medida que o espaço começa a ser capturado, encerrado, moldado e organizado pelos elementos da massa, a arquitetura começa a existir (CHING, 1998, p. 92).

Ambos os autores anteriormente citados nos levam a perceber o espaço não apenas como estruturas físicas, e sim como cenários profundos, ricos e vivos, carregados de significado. Espaços nos quais o ser humano projeta sua história, identidade e cultura, transformando em uma verdadeira experiência de mundo. Outro autor que complementa as visões sobre espaço é o sociólogo Zygmunt Bauman (2021), porém sua análise é sobre o espaço urbano e as complexidades que surgem com as cidades e seus espaços.

No livro *Confiança e Medo na Cidade*, Zygmunt Bauman (2021) explana sobre a transformação vivenciada nos espaços urbanos e sua relação com as mudanças nas relações humanas, destacando as razões do aumento do medo e diminuição da confiança nos espaços públicos. O autor parte da ideia de que o espaço de convivência nato, a cidade, não é controlada nem pelos planejadores nem por seus moradores. A transformação se daria em grande parte fora do alcance das pessoas, de forma inevitável e incontrolável, independente de ações de repressão ou de mobilização comunitária (BAUMAN, 2021, p.9).

Bauman reforça que, em contextos de insegurança, as pessoas tendem a ver ameaças nas forças que não entendem. Quando as regras sociais ou normas urbanas não parecem justas e adequadas, cria-se a ideia de inimigos ou forças hostis próximas, alimentando os sentimentos de desconfiança. Esse sentimento de insegurança leva a busca por culpados pelas falhas percebidas, imaginando conspirações em todo e qualquer lugar (BAUMAN, 2021, p. 15).

Em encontro com os autores Roa e Ching a percepção de espaço do sociólogo é parecida, mas destaca-se na sua escrita uma certa decepção, conforme passagem a seguir:

É nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. E é nos lugares, e graças aos lugares, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se, e correm risco de decepção – e, a bem da verdade, acabam decepcionados, na maioria das vezes (BAUMAN, 2021, p. 35).

De acordo com os autores citados os lugares são os espaços de convivência natos, são eles que criam as memórias e os sentimentos e que estes irão reforçar as percepções futuras dos espaços.

3 ANTE PROJETO

O autor Júlio Florencio Cortázar nasceu na cidade de Bruxelas, no dia 26 de agosto de 1914. Filho de um encarregado comercial da embaixada argentina na Bélgica, este abandonou o filho antes de completar seis anos e sua mãe, María Herminia Descotte ao qual o criaria junto de outras presenças femininas, como irmã, prima de sua mãe e avó materna. O escritor falece de leucemia em Paris no dia 12 de Fevereiro de 1984.

Julio Cortázar se formou em 1935 como professor de letras na Escola Normal de Professores Mariano Acosta. Seu primeiro livro com 43 sonetos (Presencia, 1938) sai sob pseudônimo e “Bruja” em 1944 é o primeiro conto assinado com seu nome conhecido. No ano seguinte participa ativamente na luta política, sendo oposição ao peronismo, com a eleição de Perón abdica de suas cátedras. No ano de 1946 escreve um de seus contos mais famosos “Casa tomada”.

No ano de 1951 obtém uma bolsa do governo francês e começa a trabalhar como tradutor na Unesco, se instalando no ano seguinte em Paris. Possui uma relação com Nicarágua, onde a visita em diferentes momentos, incluindo o uso de alguns de seus textos na campanha de alfabetização criada pela revolução sandinista e a Ordem a Independência Cultural Ruben Darío, recebida no início de 1984.

Para aprofundar o estudo sobre o tempo e espaço trabalhei com dois contos do autor: “Casa Tomada” (1946) e “Graffiti” (1980). O primeiro texto foi publicado inicialmente no livro “Bestiário” (1951) e o segundo conto publicado em “Amamos tanto a Glenda” (1980). Percebe-se que os textos são lançados em momentos chaves para a Argentina. O primeiro escrito no ano da eleição de Juan Domingos Perón, o qual motiva o autor a sair do país. O segundo texto é publicado após o retorno à presidência argentina e posterior falecimento de Perón, ocorridos ao final de uma sangrenta ditadura militar no país.

O conto “Casa Tomada” apresenta o cotidiano de um casal de irmãos, que não se casaram, nem tiveram filhos. Eles vivem na casa da família, um casarão antigo, grande e tradicional. Em determinado momento a casa começa a ser invadida, e os irmãos começam a abandonar partes e peças da residência, abandonando desta forma usos, objetos e memórias. Com o fechamento dos lugares, acabam redescobrendo momentos/objetos onde acabam ficando. Até o momento quando a casa é totalmente tomada.

Em contra partida “Graffiti” apresenta um jovem que começa a grafitar nas paredes, mesmo essa sendo uma prática punível com forte repressão, prisão. Importante citar, em uma época aparentemente ditatorial. Mesmo com essa dificuldade, em dado momento aparece um grafite aparentemente como uma resposta ao do jovem, o qual imagina ser de uma mulher. Mesmo com os riscos continua a grafitar e tentar descobrir a identidade de quem o responde. Em dado momento a outra grafiteira acaba sendo pega, porém após um tempo acaba retornando, utilizando-se de um pequeno desenho como comunicar como se encontra.

Além dos textos de Cortazar, trabalharemos com outro autor clássico argentino, o qual nasceu em Buenos Aires, em 24 de agosto de 1899, Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo, vindo a falecer em Genebra, em 14 de Junho de 1986. O autor aprendeu com a avó paterna a língua inglesa, antes de falar espanhol. No ano de 1914 se mudou para a Suíça, completando seus estudos secundários. Vindo a se formar em direito pela Universidade de Buenos Aires e estudou na Universidade de Cambridge.

Mudou-se para a Espanha, em 1919, ligando-se ao movimento literário vanguardista do ultraísmo. Após seu retorno a Argentina publicou inicialmente livros de poesia e na década de 1930 contos, normalmente na revista Sur. No ano de 1946 foi afastado das atividades na Biblioteca Municipal Miguel Cané por Perón. No ano de 1956 passou a lecionar na Universidade de Buenos Aires, porém já apresentava problemas de visão, tendo sido proibido de ler e escrever por oftalmologistas.

Os trabalhos de Jorge Luis Borges são marcados por sua escrita fantástica, dialogando com diferentes temáticas como filosofia, mitologia, teologia e cultura. Em seus textos sobre cultura, o pampa é explorado, e muitas vezes apresenta históricas campanhas militares como pano de fundo. Em diferentes momentos o autor revela sua leitura de enciclopédias, o qual sua influência é percebida em diversos de seus contos.

Para complementar, os estudos sobre tempo e espaço, além dos contos de Cortazar, utilizaremos dois contos de Jorge Luis Borges, ambos presentes no livro *O Jardim de veredas que se bifurcam* de 1941. Sendo os contos *As Ruínas Circulares* e *O Jardim de veredas que se bifurcam*. Importante citar que esses textos são publicados antes dos contos de Cortázar.

Existe uma relação importante entre Borges e Cortázar, sendo o último influenciado pelo primeiro, conforme explicita Jaime Alazraki, somente com Borges o fantástico

alcança uma importância e torna-se referência para uma geração (ALAZRAKI, 2021, p.1703). Essa relação é notada na aparição do primeiro conto de Cortázar, “Casa tomada” em revista publicada por Borges, “Los Anales de Buenos Aires”, que seria uma das mais influentes da área no momento. Outro fator de aproximação foi a ilustração dessa primeira publicação feita pela irmã de Borges, Nora.

O primeiro conto trabalhado do autor *As Ruínas Circulares* apresenta um homem que atravessa dificuldades para chegar em uma ruína sagrada. Sua missão autoimposta é sonhar um ser humano perfeito, tornando-o real. Para isso se isola neste lugar abandonado, e dedica o seu tempo a sonhar, buscando criar sua obra. Experimenta frustrações em sua experimentação, até a realização de seu objetivo. O ser criado é enviado para outra ruína, tornando-se independente e sem conhecimento de sua artificialidade. Porém ao final o protagonista descobre ser ele mesmo a criação, sonho, de outro.

O segundo conto, “O Jardim de veredas que se bifurcam” apresenta o caminho de um soldado para entregar uma mensagem. Descobrimos que esse soldado é um espião na Primeira Guerra Mundial, o qual foi descoberto. O espião tem em sua posse a informação de um alvo estratégico, e busca enviar a mensagem antes de sua prisão. A forma como busca essa entrega apresenta muitas formas de complicação, e o texto apresenta as diferentes possibilidades de caminhar, entendimento e comunicação. São diversos os caminhos, como um verdadeiro labirinto. Ao final do conto, a forma de comunicação do local é um assassinato que o espião comete.

Após uma leitura inicial, podemos elaborar uma divisão dos autores/contos. Os contos de Borges (1941) possuem uma estrutura fortemente marcada pelos aspectos do tempo, conforme veremos mais adiante. Em contrapartida os contos de Cortázar possuem uma forte influência dos espaços. Importante destacar, desde agora, que ambas as duplas de contos apresentam os dois elementos, tempo e espaço. Para melhor definição, os contos apresentam ambas as características, tempo e espaço, porém cada autor apresenta uma dominância em seus contos, com a outra característica sendo secundária.

Percebe-se a importância do espaço urbano na construção do conto “Graffiti” (CORTÁZAR, 1980, p. 1456-1462), os muros, paredes e outros espaços externos se tornam um meio de comunicação conforme podemos ver na passagem a seguir:

(...) imagino que você achou divertido encontrar o desenho ao lado do seu, atribuiu isso ao acaso ou a um capricho, e só na segunda vez você percebeu que era intencional e então olhou para ele devagar, até voltou, mais tarde, para olhá-lo de novo (...) (CORTÁZAR, 1980, p. 1456),

Podemos pensar que essa comunicação é somente entre os personagens, porém vai além da imagem inicial, e apresenta uma relação com a história da Argentina, seu período de ditadura, considerada como uma das mais sangrentas da América Latina. Desta forma o conto de Cortázar apresenta um forte trabalho no espaço, porém existe uma temporalidade que trabalha o sombrio dos encontros e desencontros artísticos com a espacialidade urbana, aberta e presente para os transeuntes das vias.

O arquiteto Saldarriaga Roa apresenta o espaço como local de atuação, percepção e existência, sendo desta forma um lugar pensado e criador de expressão de seu mundo, em sua denominação “espaço expressivo ou artístico” (ROA, 2002, p. 48). Podemos relacionar essa definição com a espacialidade presente no conto “Graffiti” (CORTÁZAR, 1980), pois os objetos que definem a rua, como muros, paredes e portões, são o lugar de representação de diálogo entre o personagem e sua contraparte. Esse diálogo artístico é o que cria as imagens de como é sua contraparte.

(...) ela o fizera com giz vermelho e azul numa porta de garagem, aproveitando a textura das madeiras carcomidas e das cabeças dos pregos. Era bem ela, mais que nunca, o traço, as cores, mas você também sentiu que aquele desenho valia como um apelo ou uma interrogação, uma forma de chamá-lo (CORTÁZAR, 1980, p. 1459).

Devemos relacionar o conto com a passagem de tempo, que enquanto não é sua principal forma, possui sua importância. O tempo de espera entre o desenho feito e a resposta, “aquele desenho valia como um apelo”, podemos relacionar com Benedito Nunes e sua classificação de tempo, nesse caso presente com o tempo psicológico, físico e cronológico. Os tempos contidos nessa passagem, a dúvida representa um tempo psicológico, a madeira carcomida o tempo físico e a passagem de tempo entre um desenho e outro, o cronológico.

Interessante citar os autores Santos e Oliveira, com sua separação entre artes temporais e espaciais (p. 47), pois a arquitetura e a pintura se encontram, nessa classificação, nas artes espaciais que teriam como principais características serem “primordialmente estáticas”. O conto Graffiti apresenta ambos os atores espaço urbano e

grafiti (pintura) como sendo essencialmente temporais, com passagem e mudança rápida. O caminhar na rua, alterando o espaço urbano em que se passa, o ato de desenhar e seu apagamento em rápida sucessão são rupturas que interagem entre si e marcam o tempo cronológico da história, interferindo no próprio psicológico do personagem.

Os últimos conceitos a serem trazidos nessa exploração inicial do conto, são o espaço urbano como lugar de disputa de poder e representação do medo partilhado pela comunidade. Bauman reflete sobre como quanto as regras não são como pensávamos que deveriam ser, ou poderiam ser, tendemos a agir sobre elas. Nesse caso as paredes do conto representam o cerceamento de vozes da comunidade, porém o grafite apresenta uma ruptura, um grito contra o ato de repressão.

Finalizando essa exploração do conto “Graffiti” de Júlio Cortázar refletindo sobre os conceitos de “Cronotopo” e “Exotopia” de Bakhtin, como estudado por Marília Amorim. O conto “Graffiti” apresenta a rua, o espaço urbano como o cronotopo de Julio Cortázar, onde toda a história se desenvolve, “a partir do qual se dão as transformações de sentido” (AMORIM, 2018, p. 108). Importante citar que o próximo conto do autor a ser analisado, “Casa Tomada” possui um cronotopo similar, porém o espaço é interno. No primeiro conto temos um movimento do espaço externo no início para o espaço interno no final e no segundo, do espaço interno para um final no espaço externo.

Conforme exposto anteriormente, o conto “Casa Tomada” inicia-se dentro de uma casa, o qual o autor apresenta com riqueza de detalhes:

Como não lembrar da distribuição da casa. A sala de jantar, um aposento com gobelins, a biblioteca e três grandes quartos de dormir ficavam na parte mais recuada, a que dá para a Rodríguez Peña. Apenas um corredor, com sua porta maciça de carvalho, separava essa parte da ala dianteira, onde havia um banheiro, a cozinha, nossos quartos e o living central, com o qual se comunicavam os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um saguão com maiólica, e a porta de duas folhas dava para o living. De modo que a pessoa entrava pelo saguão, abria a porta de duas folhas e passava para o living; dos dois lados teria as portas de nossos quartos e à frente o corredor que levava à parte mais recuada; avançando pelo corredor se transpunha a porta de carvalho e depois dessa porta começava o outro lado da casa; também era possível dobrar para a esquerda logo antes da porta e seguir por um corredor mais estreito que ia até a cozinha e o banheiro (CORTÁZAR, 1951, p.110).

Se no conto “Graffiti” o autor trabalha sobre a perspectiva da rua, dos muros e espaços abertos, no conto “Casa Tomada” Cortázar desenvolve seu texto dentro de um imóvel, uma confinamento espacial de seu trabalho. Conforme apresentado antes, a teoria

de cronotopo é sobre o espaço que desenvolve a história, e desta forma causa transformações. Isso ocorre no desenvolvimento do texto do autor, as perspectivas dos personagens irão sendo alteradas, conforme os ambientes físicos da casa são “perdidos”, “Nos primeiros dias achamos penoso porque ambos havíamos deixado na parte tomada muitas coisas de que gostávamos. (...) E era mais uma de todas as coisas que havíamos deixado do outro lado da casa” (CORTÁZAR, 1951, p. 112). Podemos dizer que o autor Cortázar apresenta o espaço como seu cronotopo, ele trabalha o dentro e o fora para demonstrar as mudanças que ocorrem em seus personagens.

Essas mudanças dos personagens são oriundas dos espaços que o cercam, conforme o arquiteto Roa (2002, p. 30) “Viver, ou habitar, significa dispor de um lugar de permanência onde se sentir seguro, (...) habitar é afirmar a presença da vida no espaço”, o que se relaciona com sua teoria de espaço existencial, no qual o ambiente fornece estabilidade e previsibilidade, permitindo que os personagens construam uma relação estável com o mundo ao seu redor. Ao longo do conto, os personagens vão perdendo ambientes e espaços anteriormente conhecidos, de certa forma, diminuindo seu mundo, porém em outros aspectos encontrando outros sentidos no entorno.

O sociólogo Bauman trabalha o espaço urbano como um lugar de disputas, porém é sua fala sobre os lugares e suas relações que se encontra com as definições de espaço existencial de Roa.

É nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. E é nos lugares, e graças aos lugares, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se, e correm risco de decepção – e, a bem da verdade, acabam decepcionados, na maioria das vezes (BAUMAN, 2021, p. 35).

Podemos perceber que ambos os autores entendem o espaço como formador de experiência, e desta forma de ser. O conto “Casa Tomada” de Júlio Cortázar demonstra como o espaço físico da casa ao ir sendo “tomado” e abandonado pelos personagens vai alterando sua percepção de vida e ser. No conto anterior, “Graffiti” o espaço externo é que altera o personagem, interessante perceber como eles são inversos entre si. A casa, fechada possui personagem mais abertos e esclarecidos, Graffiti, possui um espaço amplo e aberto, mas seu personagem é mais contido. Essas percepções vão sendo alteradas durante os contos.

O tempo no conto “Casa Tomada” é algo inerente aos acontecimentos, segundo Benedito Nunes: “O tempo é o elemento da narrativa, assim como é o elemento da vida; inseparavelmente ligado a ela, como aos corpos no espaço.” (2008, p.2). Os acontecimentos narrados no conto, a perda dos espaços da casa, sucessivamente, é o elemento que modifica a vida dos personagens, alterando a percepção de tempo que eles possuem.

Nunes acrescenta dois conceitos importantes para a leitura do conto, o tempo psíquico e o tempo histórico. O primeiro conceito é apresentado pelo aspecto de aceleração e desaceleração que os personagens têm durante o conto, inicialmente preocupados com horários cronológicos, horário da limpeza e do almoço, por exemplo vão se transformando em tempo de estudos de selo, de costura, de aproveitar entre si. O que demonstra uma alteração na percepção de tempo, e de importância do que vivenciar nesse momento.

O segundo conceito, o tempo histórico é importante ao relacionar-se o momento em que o conto é escrito, onde existe uma disputa entre os conceitos atuais de direita e esquerda, ou capitalismo e comunismo, além da eleição de Juan Domingo Perón que se apresentava como uma terceira via. Desta forma a tomada da casa pode ser entendido como um reflexo do aumento do comunismo, com a ideia da tomada da propriedade privada. Após a vitória de Perón podemos relacionar sua política de nacionalização de alguns setores com o receio sobre a posse da propriedade. Para Nunes, “o tempo histórico representa a duração das formas históricas de vida, e podemos dividi-lo em intervalos curtos ou longos, ritmados por fatos diversos” (2008, p. 23). Esse conceito também é presente no conto “Graffiti”, pois ele foi elaborado em época de ditadura militar, sendo essa um ponto histórico importante para o país e para a América Latina.

O conto “O jardim de veredas que se bifurcam” de Jorge Luis Borges também apresenta uma relação com o tempo histórico, pois se passa durante a Primeira Guerra Mundial, “(..) a descoberta, a captura, quem sabe a morte, de dois agentes do Império Alemão?” (BORGES, 1941, p. 62). Porém o elemento principal não seria o tempo histórico de Nunes, mas sim conforme seu destaque abaixo, a pluridimensionalidade, com a comparação feita no decorrer do texto com os labirintos.

Todorov: O tempo do discurso é, num certo sentido, um tempo linear, enquanto que o tempo da história é pluridimensional. Na história muitos eventos podem

desenrolar-se ao mesmo tempo. Mas o discurso deve obrigatoriamente colocá-los um em seguida a outro; uma figura complexa se encontra projetada sobre uma linha reta (TODOROV, 1972 Apud NUNES, 2008, p. 27).

Desta forma Borges estabelece no conto uma estrutura em que o labirinto é uma metáfora não apenas para o espaço, mas também para o tempo, e suas escolhas que se desdobram em inúmeras possibilidades. Conforme o destaque feito na citação de Benedito Nunes, o tempo da história é um elemento em que muitos eventos podem acontecer simultaneamente, porém o tempo do discurso literário é linear. Entretanto Borges brinca com essa dualidade no conto, o personagem tem sua percepção de tempo linear desconstruída ao longo do complexo caminho labiríntico físico e metafísico em que se encontra.

Os autores Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira trazem um complemento a ideia de Todorov e Nunes, onde percebemos que: “(...) pensar que o espaço e o tempo estão unidos de maneira indissociável. Por causa desse entrelaçamento, as medidas de distância e tempo não são mais absolutas, mas dependem da velocidade do observador” (OLIVEIRA, 2001, p. 82). Podemos perceber isso no conto quando o personagem e o pesquisador conversam, em que o segundo lança diversas possibilidades:

Não existimos na maioria desses tempos; em alguns existe o senhor e não eu; noutros, eu, não o senhor; noutros, os dois. Neste, que favorável acaso me depara, o senhor chegou a minha casa; noutro, o senhor, ao atravessar o jardim, encontrou-me morto; noutro, eu digo estas mesmas palavras, (...) (BORGES, 1941, p. 71).

Desta forma Oliveira apresenta um conceito parecido com o do cronotopo de Bakhtin, o qual segundo Amorim, traz um maior equilíbrio entre as dimensões de espaço e de tempo no nome, exprimindo a indissolubilidade da relação tempo e espaço. Outro aspecto importante do conceito é sua ideia de trabalhar primeiro com o tempo, sendo este a dimensão do movimento, da transformação (AMORIM, 2018, p. 102 – 103).

Enquanto cronotopo é um conceito baseado no tempo, a exotopia é um conceito baseado no espaço, como um enquadramento do tempo, destacando o momento. Desta forma podemos relacionar a exotopia com o deslocamento cultural do protagonista. Reforçando a relação entre labirinto e tempo, pois observa suas escolhas como indivíduo, mas em uma rede maior de eventos.

Conciliando com Bakhtin, o arquiteto Alberto Roa especifica sobre o espaço que a familiaridade de um lugar ajuda a estabelecer familiaridade com outros lugares, desta forma os valores socioculturais, o carácter da pessoa, sua memória e as circunstâncias do encontro se convertem nos elementos primários da experiência (ROA, 2002, p. 132).

Enquanto o labirinto do conto apresenta diversas possibilidades, sendo uma representação das incertezas e escolhas, pois as bifurcações representam tanto liberdade como aprisionamento. O personagem é livre para escolher, mas cada escolha define e limita suas opções. Essa complexidade de liberdade e confinamento no conto é semelhante as descritas por Baumam sobre o espaço urbano contemporâneo, onde é descrito como locais de disputa de poder e controle social, onde regras impostas geram desconforto. Pois “aldeia e cidade são o terreno no qual se confrontam forças que as superam, assim como os processos que tais forças acionam e que ninguém pode compreender a menos ainda controlar” (BAUMAM, 2021, p. 57).

Conforme estudamos anteriormente, Borges utiliza-se da metáfora de labirintos para trabalhar e representar a pluralidade do tempo e do espaço no conto “Jardins de Veredas que se Bifurcam”. Em contrapartida o conto “As Ruínas Circulares” do autor apresenta uma ideia de tempo circular, onde o ponto de partida e o de chegada se encontram, tornando-se um ciclo, desta forma, rompendo com a linearidade tradicional.

Conforme Nunes “medidas correspondentes a intervalos, no curso de movimentos, são cronométricas, comportando uma imagem cíclica: os mesmos períodos voltam sem cessar entre dois acontecimentos que se repetem” (NUNES, 2008, p. 17). Essa ideia de tempo é percebida no conto, onde o ato de criar um ser humano perfeito em sonho revela-se como parte de um ciclo maior, no qual o próprio protagonista é um objeto produto de outro sonho: “Com alívio, com humilhação, com terror, compreendeu que ele também era uma aparência, que outro o estava sonhando” (BORGES, 1941, p. 40). Podemos perceber esse movimento como uma metáfora da criação, existência e repetição, incluindo pensar que o texto faz parte desse ciclo, pois é em si um sonho escrito.

Nunes apresenta outro aspecto, o “tempo litúrgico, dos ritos das celebrações religiosas (...). Linear no que diz respeito à direção (...), também é pontual quanto à significação dos acontecimentos (...)” (NUNES, 2008, p.20). Esse tempo está presente no

conto de Borges, *As Ruínas Circulares*, conforme podemos perceber na repetição dos atos de sonhar, “(...) sabia que sua imediata obrigação era sonhar (...)” (BORGES, 1941, p. 35) e nos momentos em que o povo circunstante a ruína entrega oferendas para o personagem se alimentar. A linearidade está na constância do personagem em sonhar, o que permite a criação do seu “ser-sonho”. A criação sendo contraditoriamente seu ponto principal, pois ao final cria-se um círculo, que rompe com a linearidade do tempo litúrgico, como defendido por Nunes.

Na teoria de Bakhtin, conforme descrito por Marília Amorim, o cronotopo é a união de espaço e tempo em uma unidade narrativa concreta, “em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em todo inteligível e concreto” (AMORIM, 2018, p. 102). Podemos dizer que no conto *As Ruínas Circulares*, a área em ruínas, que possui um espaço circular: “(...) até o recinto circular coroadado por um tigre ou cavalo de pedra (...)” (BORGES, 1941, p. 35), é uma representação física do tempo que ocorre no conto. Representa ao mesmo tempo o poder da criação, desenvolvimento e destruição, presente na história. Desta forma sendo um cronotopo das ruínas um espaço simbólico de transformação e transição, onde o protagonista realiza seu desejo-sonho e transforma-se em desejo-sonho doutro.

Podemos perceber que as ruínas também possuem uma relação com a memória, conectando o passado ao presente. Para o sociólogo Zygmunt Bauman os espaços carregam as experiências humanas e as memórias acumuladas ao longo do tempo o qual desenvolvem e ganham forma os desejos (BAUMAN, 2021, p. 35). Em *As Ruínas Circulares*, o espaço físico das ruínas transforma-se em um repositório de memórias culturais e como espaço para um novo ciclo. O arquiteto Alberto Roa também apresenta o espaço como resultado das memórias que registram as experiências vividas e sua familiaridade ajuda no reconhecimento de outros espaços.

Os espaços e os tempos dos contos foram analisados neste texto, porém existem outras relações a serem feitas, talvez não entendidas como espaço ou tempo, mas sim como um espaço-tempo. O espaço físico pode ser fundido com o espaço fictício, em determinado tempo. Cortázar explicou que alguns de seus contos foram escritos após sonhos ou pesadelos.

Muitos dos meus contos fantásticos nasceram em um território onírico, e eu tive a sorte de, em alguns casos, o censor da consciência não ter ido impiedoso, me permitindo registrar com palavras o conteúdo dos meus sonhos... Pode-se dizer que o fantástico neles contido vem de regiões arquetípicas que de uma ou outra maneira todos nós compartilhamos, e que no ato de ler esses contos o leitor é testemunha ou descobre algo de si mesmo. Comprovei muitas vezes esse fenômeno com um velho conto meu chamado “Casa Tomada”, que eu sonhei com todos os detalhes que figuram no texto e que escrevi assim que pulei da cama, ainda envolto na terrível náusea de seu desfecho. (ALAZRAKI, 2021, p. 1717)

Desta forma podemos relacionar o autor Cortázar no tempo-espaço de escrita de *Casa Tomada* com o texto de Borges *Ruínas Circulares*, onde o personagem busca no mundo onírico criar um ser, um filho, e trazer para o mundo real. De acordo com a Bakhtin, segundo Marília Amorim, a exotopia é sobre a criação individual, destacando um momento em específico, complementar a esse o cronotopo é um aspecto coletivo “espécie de matriz-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem” (AMORIM, p. 105). Desta forma o conjunto exotopia-cronotopo trabalha no espaço-tempo, igual Borges-Cortázar e seus textos.

4 PROJETO EXECUTIVO

Durante minha graduação anterior não existia a necessidade de um trabalho escrito como é o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas sim a necessidade de criação e desenvolvimento de um projeto arquitetônico ou urbanístico, em que a parte textual é simples. Desta forma tinha um pouco de receio de como seria fazer um trabalho totalmente escrito, sem a presença de imagens, dados, tabelas ou outras opções visuais. Receio que enquanto processo de desenvolvimento foi motivador para a busca de melhorias no trabalho.

A elaboração e desenvolvimento do trabalho permitiu-me a conexão entre assuntos que despertam interesse, o tempo e o espaço, dimensões tanto físicas como psicológicas que influem na vivência contemporânea. O espaço passou, e vem passando por mudanças abruptas, como podemos ver, por exemplo, em apartamentos cada vez menores, diferenciando-se das amplas casas e pátios que encontramos na arquitetura antiga. A percepção de tempo tem sido cada vez mais alterada, com a vivência nas cidades, sendo cada vez mais rápida, urgente. A comunicação desenvolveu-se rapidamente, e trouxe uma sensação de sempre correr ou estar atrasado.

Desta forma levando-me a refletir sobre os usos que as teorias poderiam ter no uso profissional. A leitura ao ser um aspecto mais relaxante, com tempo necessário, poderia ser usada nas letras, pensando como docência e ensino, para procurar diminuir a agitação e a percepção de urgência com o uso das redes sociais e da internet como um todo. Os conceitos de espaço deveriam auxiliar na criação de locais, ou melhorias dos existentes, quem sabe buscando fortalecer memórias de relaxamento para o local de leitura?

Na área de arquitetura o presente trabalho permite a reflexão sobre o tempo no espaço urbano e residencial. O que a passagem dele significa, como refletir sobre esse aspecto. Para uma cidade como Jaguarão-RS, que possui um tombamento amplo, é importante trazer essa reflexão. Como as construções atuais, com características espaciais tão diferentes das antigas, podem se relacionar com o tempo passado e talvez questionar, qual é o futuro que estamos criando.

A leitura e análise dos contos permite algumas reflexões exploratórias, que desde já afirmo necessitar maiores estudos. Inicialmente percebi uma separação entre os

autores, onde os contos do Cortázar possuíam o espaço como centro da narrativa, e os contos de Borges o tempo como elemento central da história. Porém com as análises percebe-se que as teorias influem em ambos.

Nos contos de Cortázar o espaço prevalece, com a *Casa Tomada* possuindo um espaço interno trabalhado, porém a percepção do tempo, na urgência sentida pela perda de parte do espaço e na calma que traz as descobertas de novos afazeres e a perda de outros. Essas trocas percebem-se na mentalidade apresentada pelos personagens que são esclarecidos estando em um ambiente notadamente recluso. Ao contrário do que ocorre em *Graffiti*, onde o personagem caminha pelos espaços abertos, mas possui uma personalidade mais fechada. Percebe-se que a troca de informações baseada no grafite é efêmera, sendo ao mesmo tempo uma intervenção no espaço e uma comunicação no tempo.

Outra relação que se apresenta é a relação entre *Graffiti* e *Os Jardins de Veredas que se Bifurcam*, as ruas da cidade de Cortázar são representações de caminhos possíveis, assim como o labirinto de Borges. Ambos permitem trabalhar os aspectos espaço e tempo. Porém no conto de Borges essa relação vai além dos conceitos puros e torna-se um aspecto espaço-tempo, onde ambos se fundem e se relacionam, possibilitando ao personagem vivenciar diversas opções, o qual depende de sua escolha.

A relação entre *A Casa Tomada* e *As Ruínas Circulares* é mais pessoal, o espaço presente nas obras literárias recuperam algumas lembranças da cidade de Jaguarão. A descrição do espaço da casa, suas formas e divisões recuperaram minhas diversas recordações de visitas ao Museu Carlos Barbosa, e a outros imóveis tombados como patrimônio histórico da cidade. As ruínas do conto se relacionaram com as ruínas da enfermaria militar, presente na cidade. Desta forma as teorias de espaço e de tempo foram refletidas na minha vivência.

Um aspecto das teorias que se destacou foi as incertezas, a violência e a disputa presente nos contos, o que se relacionam com a questão presente na teoria, com o campo urbano sendo um aspecto de combate. Percebe-se essa luta nos quatro contos estudados: a casa sendo conquistada, a violência presente no pequeno grafite final, a morte por fogo e o caminho até o assassinato. Mais importante é a relação que pode ser feita com o momento atual, onde guerras e disputas estão em sua mais alta demanda.

O presente TCC surgiu da minha dúvida: seria possível a arquitetura agregar

conhecimento sobre espaço na literatura e a literatura agregar o tempo à arquitetura? As análises feitas nos contos baseadas nas teorias de espaço da arquitetura, permitiu perceber uma contribuição na leitura dos textos, e sua possível interpretação. Quanto ao uso das teorias de tempo na arquitetura, entendo que sim, elas permitem um melhor entendimento dos processos de mudança e uso que passam as edificações ao longo do tempo. Porém ambas as considerações permitem, e quase me exigem, uma continuação dos trabalhos. Aumento de teorias estudadas, e inclusão da arquitetura como objeto de estudo, seriam os caminhos que eu apontaria como sequências do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

ALAZRAKIM, Jaime. Conto: introdução. *In: CORTÁZAR, Julio. Todos os contos.* Companhia das Letras, 2021, p. 1702-1727. Edição Kindle

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. *In: BRAIT, Beth. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 95-114*

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções.** Companhia das Letras, 2016. Edição Kindle

CHING, Francis D. K. **Arquitetura, forma, espaço e ordem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORTÁZAR, Julio. **Todos os contos.** Companhia das Letras, 2021. Edição Kindle

KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa.** São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa.** 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

ROA, Alberto Saldarriafa. **La arquitectura como experiencia espacio, cuerpo y sensibilidad.** Bogotá: Villegas Editores S.A, 2002.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.